

A versatilidade argumental do verbo *entregar* em língua portuguesa: uma análise pancrônica

The argumentative versatility of the verb *entregar* in Portuguese language: a panchronic analysis

Nedja Lima de LUCENA*^{id}

Rayane Pontes BARBALHO**^{id}

RESUMO: O estudo de verbos e as relações com seus argumentos é foco de interesse de variadas perspectivas linguísticas que se ocupam da descrição das línguas naturais. Neste artigo, apresentam-se os resultados de uma pesquisa sobre a descrição do verbo *entregar*, considerando sua manifestação em diversos períodos da língua portuguesa. Em termos sintáticos, esse verbo é tradicionalmente tomado como ditransitivo, cuja configuração recruta os complementos objeto direto e objeto indireto. Em termos semântico-pragmáticos, sua moldura remete à ideia de transferência de algo para uma entidade. Todavia, amostras empíricas recentes assinalam o uso desse verbo em orações com a elisão parcial ou total dos complementos, sugerindo a ideia de uma transferência metafórica ou mesmo de uma não transferência. Com fundamento teórico e metodológico na Linguística Funcional Centrada no Uso (Furtado da Cunha; Bispo; Silva; 2013; Rosário, 2022), o presente artigo examina, a partir de um prisma pancrônico, amostras coletadas desde o século XIV aos dias atuais, com o intuito de investigar o verbo *entregar* em dados reais de uso. Para esse quadro teórico, a gramática de uma língua natural é tomada como a representação cognitiva da experiência dos indivíduos com essa língua; logo, o uso linguístico motiva sua estrutura (Bybee, 2016). O recorte de pesquisa aqui adotado é essencialmente qualitativo, com ênfase na descrição e interpretação do material empírico coletado. Os achados sinalizam que, funcional e preferencialmente, o verbo ocorre em orações ditransitivas, com um aumento expressivo, no século XXI, do uso do verbo em orações em que o complemento objeto direto é elidido sem possibilidade de recuperação ou interpretação de um referente. Além disso, em algumas ocorrências, a noção de transferência de uma entidade para outra é parcial ou totalmente opaca. Observa-se, ainda, que o verbo *entregar* pode ser recrutado em contextos intransitivos, contrariando a descrição gramatical tradicional. Os resultados dialogam com o pressuposto teórico de que o licenciamento de verbos em determinadas construções abarca a interpretação geral de cenas básicas da nossa experiência, as quais podem ser estendidas e adaptadas para contemplar tipos distintos de situações.

PALAVRAS-CHAVE: Verbo *entregar*. Análise pancrônica. Construções de estrutura argumental. Língua portuguesa.

* Doutorado em Estudos da Linguagem (UFRN). Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal, RN – Brasil. nedja.lucena@ufrn.br

** Mestranda em Estudos da Linguagem (UFRN). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Natal, RN – Brasil. rayane.pontes.123@ufrn.edu.br

ABSTRACT: The study of verbs and their relationship with their arguments is a focus of interest for various linguistic perspectives concerned with the description of natural languages. This article presents the results of an investigation into the description of the verb *entregar*, considering its manifestation in various periods of Portuguese language. In syntactic terms, this verb is traditionally taken as ditransitive, whose configuration recruits direct object and indirect object complements. In pragmatic-semantic terms, its frame refers to the idea of transferring something to an entity. However, recent empirical samples point to the use of this verb in sentences with partial or total elision of complements, suggesting the idea of metaphorical transfer or even non-transfer. With a theoretical and methodological basis in Usage-Based Linguistics (Furtado da Cunha; Bispo; Silva; 2013; Rosário, 2022), this article examines, from a panchronic perspective, samples collected from the 14th century to the present day, with the aim of investigating the verb *entregar* in real usage data. For this theoretical framework, the grammar of a natural language is taken as the cognitive representation of individuals' experience with that language; therefore, linguistic use motivates its structure (Bybee, 2016). The research approach adopted here is essentially qualitative, with an emphasis on describing and interpreting the empirical material collected. The results show that, functionally and preferentially, the verb occurs in ditransitive clauses, with a significant increase in the 21st century in the use of the verb in clauses where the direct object complement is elided without the possibility of recovering or interpreting a referent. Furthermore, in some instances, the notion of transfer from one entity to another is partially or totally opaque. It was observed that the verb *entregar* can be recruited in intransitive contexts, contrary to the traditional formal description. The results dialogue with the theoretical assumption that the licensing of verbs in certain constructions encompasses the general interpretation of basic scenes in our experience, which can be extended and adapted to cover different types of situations.

KEYWORDS: Verb *entregar*. Panchronic analysis. Argument structure constructions. Portuguese language.

Artigo recebido em: 04.02.2025
Artigo aprovado em: 05.05.2025

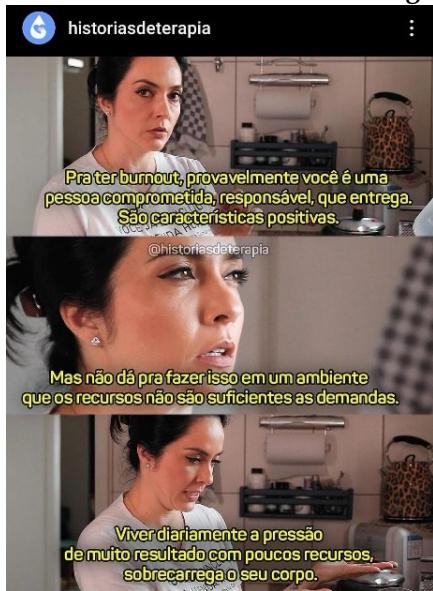
1 Introdução

Verbos têm sido alvo de ampla investigação linguística nas mais variadas abordagens teóricas e metodológicas que visam, em alguma medida, a descrição e o entendimento sobre essa categoria gramatical. No âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso (Cezario; Furtado da Cunha, 2013; Bybee, 2016; Traugott; Trousdale, 2021), quadro teórico que alicerça o estudo descrito neste artigo, o elemento verbal é visto no cerne de sua manifestação empírica, isto é, no **uso**, mais precisamente, nas orações/construções¹ que formam os enunciados que produzimos em qualquer prática de linguagem. É no uso linguístico que observamos o verbo “pegar delírio”, como afirma o poeta. E mais: observamos que os verbos podem funcionar em contextos oracionais que extrapolam a nossa expectativa, semelhantemente “a criança que escuta a cor dos passarinhos”.

É com base no olhar para o verbo em uso que este artigo visa examinar manifestações discursivas do verbo **entregar** no português, observando as configurações sintática e semântico-pragmática das orações em que ocorre e buscando compreender as motivações subjacentes à sua manifestação. O impulso para esta investigação encontra respaldo no fato de que há usos do verbo **entregar** que parecem contrariar a descrição prevista na tradição gramatical, como se pode verificar na figura 1, a seguir.

O relato da jornalista expressa que “pra ter *burnout*, provavelmente você é uma pessoa comprometida, responsável que entrega. São características positivas”. Nota-se que, nesse contexto, o verbo **entregar** figura em uma oração relativa que não contempla os complementos verbais, objeto direto (= paciente/o que se entrega) e objeto indireto (= beneficiário/ para quem se entrega). Vejamos:

¹ Construções são pares de forma e função entendidas como unidades básicas da língua, as quais possuem significado próprio, esquemático e parcialmente independente das palavras que as compõem (Goldberg, 2006).

Figura 1 – Amostra de uso do verbo **entregar** (2024).

Fonte: extraída de divulgação pública na rede Instagram².

Pode-se inferir, nesse contexto em que o assunto é a síndrome de *burnout* no trabalho, que o sentido de **entregar** em **Você é uma pessoa [...] que entrega** está próximo de algum resultado, de modo que provavelmente o que se entrega é uma performance e/ou um bom desempenho para a instituição laboral. Em termos análogos, observem-se os casos a seguir:

- (1) Ela vai **entregar** demais nesse clipe. (Rede X, 2021, Séc. XXI)
- (2) Como sempre **entregou**... (Rede X, 2021, Séc. XXI)

Nas amostras (1) e (2) não há a presença de complementos verbais. Ainda que seja possível fazer um esforço, enquanto leitores/ouvintes cooperativos, para entrever uma noção de transferência (algo a ser entregue para alguém), o fato é que nem o paciente (objeto direto) nem o recipiente/beneficiário (objeto indireto) da entrega são plenamente identificáveis.

² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C3sVITwLf3w/?igsh=ZnN1YWlhdHV0YzJv>. Acesso em: 06 jun. 24.

De acordo com a tradição gramatical, os verbos são classificados como transitivos, quando necessitam de complementos verbais, e intransitivos, quando não recrutam complementos, pois apresentam, em tese, o sentido completo. No conjunto dos verbos transitivos, existe o verbo bitransitivo³, que sanciona dois complementos, um na posição de objeto direto e outro na posição de objeto indireto (Cunha, 1978). É o que ocorre com o verbo **entregar**, geralmente arrolado na lista dos verbos que exigem dupla complementação (Rocha Lima, 2011; Bechara, 2019).

Em termos semânticos, o verbo entregar oriunda do latim *integrāre*, cujo sentido está próximo de “passar às mãos ou à posse de alguém”, com registro desde o século XIII (Cunha; Mello Sobrinho, 1986). Nessa linha, orações com o verbo **entregar** podem evocar o sentido de passar/transferir, isto é, o ato de **passar algo para outra pessoa** ou de **posse**. Há, ainda, sentidos registrados em dicionário linguístico (cf. Borba, 2002) que apontam para a ideia de **confiar** (entreguei a Deus a minha sorte), **acusar** (entregar o motorista às autoridades), **devolver** (Maizé entregou a criança) e **doar** (entregar o segundo filho à pátria). Ainda que haja um amplo registro do verbo **entregar** na obra de Borba, todas as entradas parecem culminar para casos em que há uma certa transferência, mais concreta ou não, a qual é expressa por complementos verbais explícitos ou anafóricos. Desse modo, o uso do verbo em orações como as que compõem o relato contido na figura 1 e as amostras (1-2) parece ser fenômeno recente.

Assim, a questão de pesquisa que ilumina este artigo é: como se manifesta sintática, semântica e pragmaticamente⁴ o verbo **entregar** em termos de construções de estrutura argumental⁵ ao longo do tempo em português? Essa pergunta se desdobra em dois objetivos centrais: (i) coletar amostras empíricas de orações com o verbo

³ Neste trabalho, referimo-nos também a esse tipo de verbo como *ditransitivo*, conforme a literatura linguística mais recente.

⁴ O quadro teórico funcionalista norteador deste trabalho considera a interconexão entre os domínios linguísticos (morfologia, sintaxe, semântica e pragmática), compreendendo-os como inter-relacionados e interdependentes, sem fronteiras nítidas entre eles. Desse modo, neste artigo, ao usarmos termos como sintático-semântico e/ou semântico-pragmático, estamos reforçando essa ideia.

⁵ Construções de estrutura argumental dizem respeito a tipos oracionais básicos, como as construções transitiva, ditransitiva, intransitiva, de movimento causado, dentre outras (Goldberg, 2006).

entregar em diferentes fases do português, examinado a configuração sintática, semântica e pragmática das orações nas quais é licenciado; e (ii) compreender, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos funcionalistas, as motivações para a (não) expressão dos argumentos do verbo.

Parte-se da hipótese de que o verbo **entregar** é, em primeira instância, empregado em orações ditransitivas; e, mais recentemente, por meio do ajuste de valência e de relações construcionais, recrutado em orações que se distanciam do perfil ditransitivo. Assim, o verbo pode ser licenciado em diferentes padrões de construção de estrutura argumental.

O artigo encontra-se estruturado em quatro seções: nesta introdução, fazemos uma breve contextualização da pesquisa e apresentamos as razões para o estudo. Na seção seguinte, explicitamos o nosso lastro teórico, com ênfase em construtos teóricos fundamentais para o trabalho. Na sequência, procedemos à descrição metodológica e, por conseguinte, à apresentação e à discussão dos resultados. Sumarizamos nossos achados nas considerações finais.

2 Alicerce teórico

A linguística, enquanto área do conhecimento, ocupa-se de todo e qualquer fenômeno linguístico. No entanto, dentre as correntes que se alinharam a essa importante ciência, a perspectiva funcionalista centrada no uso (Martelotta, 2011; Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Rosário, 2022; Furtado da Cunha; Cezario, 2023)⁶ ganha proeminência por advogar que o uso tem impacto no sistema linguístico, permitindo a emergência, a ritualização e o esmaecimento de construções nas línguas naturais. É caracterizadora dessa corrente teórica a ideia de que a língua deve ser

⁶ O termo Linguística Funcional Centrada no Uso é uma tradução ampliada do termo inglês *Usage-Based Linguistics* (Tomasello, 1998) e um desdobramento do funcionalismo linguístico de inspiração norte-americana (Bybee, 2016). Há que se ressaltar que sua alcunha em português e ampliação teórico-metodológica é resultado de estudos brasileiros, sobretudo, os realizados no âmbito do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática*, cuja produção bibliográfica sobre o tema é vasta (Cf. Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013; Rosário, 2022; 2023; dentre outros).

examinada do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralingüística, a partir da empiria dos usos realizados por seus falantes (Furtado da Cunha *et al.*, 2003; Rosário, 2022). É essa a tônica do presente artigo, que examina a manifestação oracional do verbo **entregar**.

Nessa perspectiva teórica, os domínios (como morfologia, sintaxe, semântica e pragmática, por exemplo) são inter-relacionados e interdependentes, e o produto disso é uma visão de gramática tomada como uma estrutura holística, em que nenhum nível é autônomo ou central.

Rosário e Oliveira (2016, p. 236) explicam que no funcionalismo atual “destaca-se a abordagem holística e contingencial dos usos linguísticos, na consideração de que itens não ocorrem ou produzem sentido isoladamente, de que é preciso considerar as relações contextuais”. Além disso, os autores mencionam a tendência de tratamento mais integrado entre forma e função, buscando equilibrar esses dois eixos de modo correlacionado.

Especificamente quanto à transitividade, tema caro a este estudo, desde a pesquisa pioneira de Hopper e Thompson (1980), há um entendimento de que se trata de um fenômeno da oração, manifestando-se de modo escalar, em termos de gradiência, e não um fenômeno específico de um verbo *per se* enquanto item lexical, como preconiza a tradição gramatical (Furtado da Cunha; Souza, 2011).

Na perspectiva tradicional, ainda que haja incipientes considerações que levem em conta o entorno oracional (Cunha; Cintra, 1985), o fato é que essa visão limita e reduz o fenômeno a um critério prioritariamente sintático (presença/ausência de complementos), desconsiderando a variabilidade e a dependência do contexto semântico-pragmático para a interpretação e consequente escolha pelo falante por uma forma em detrimento de outra (Lucena, 2021).

Com o apuro teórico no âmbito da LFCU, em que se assume uma abordagem construcional, a transitividade é vista como uma propriedade das construções de estrutura argumental, que carregam características formais e funcionais, resultando no

par simbólico forma-função. Para Furtado da Cunha e Silva (2018), essa visão reforça a oração em contexto, ao mesmo tempo que unifica as perspectivas funcional e construcional.

Entende-se por estrutura argumental a relação entre o número e o(s) tipo(s) de entidade(s) previsto(s) na interpretação de um dado evento e os verbos recrutados para tal. Mais especificamente, a estrutura argumental refere-se à maneira como os verbos se conectam com os complementos que os acompanham, também chamados de **argumentos**, de maneira a projetar papéis sintáticos (relações gramaticais de sujeito, objeto direto, objeto indireto etc.), papéis semânticos (agente, paciente, recipiente) e pragmáticos, refletidos no fluxo de informação nova/velha, sancionados pelo verbo (Furtado da Cunha; Bispo, 2024). Cognitivamente, a estrutura argumental reflete um conjunto de expectativas estimuladas pelo sentido do verbo (Du Bois, 2003).

Com base no sentido vinculado ao *frame*⁷, cada verbo perfila um ou mais tipos de estrutura argumental que define quantos e quais tipos de argumentos podem ser licenciados: “[...] os verbos são listados no léxico com molduras (*frames*) que especificam quais argumentos são obrigatórios e quais são opcionais. Os falantes dominam essa informação à medida que adquirem sua língua materna” (Furtado da Cunha, 2006, p. 116).

Dessa forma, a estrutura argumental que delimita a natureza dos complementos verbais é, sobretudo, uma moldura de expectativas apreendida com base nos significados atrelados ao verbo em uso. Cabe salientar, no entanto, o fato de que os verbos nem sempre se manifestam na dinâmica do uso com a mesma moldura argumental, ainda que o *frame* esteja previsto em seu significado.

Para Furtado da Cunha e Bispo (2024, p. 22), os padrões oracionais (por exemplo, intransitivo, transitivo, ditransitivo etc.) e sua estrutura argumental característica “são, em grande medida, determinados pela classe semântica – e

⁷ Em linhas gerais, frames são “modelos mentais dos objetos e eventos do mundo real” (Trask, 2008, p. 181) construídos na experiência com a língua(gem) nas práticas sociointeracionais.

sintática – do verbo". A conjugação entre verbos e padrões oracionais (construções de estrutura argumental), para os autores, "exemplifica o isomorfismo função-forma" (p. 22). Nessa linha, o entendimento é de que operam, na estrutura argumental, os domínios linguísticos de forma igualmente importante. Em termos de descrição linguística, é possível assinalar os vieses (sintático, semântico, cognitivo e pragmático) em que o fenômeno pode ser perspectivado ou mesmo tratá-lo de modo integral e holístico.

Furtado da Cunha, referência no estudo sobre estrutura argumental no Brasil, aborda ainda a classificação e a distinção entre argumentos nucleares e oblíquos (Furtado da Cunha, 2006). As restrições da sintaxe da língua refletem, conforme o princípio da iconicidade, os enquadramentos cognitivos dos falantes; dessa forma, os papéis sintático-semânticos dos argumentos recrutados pelos verbos, a depender dos sentidos veiculados, são em certa medida um retrato dos participantes envolvidos na cena evocada por esse mesmo verbo.

Em razão disso, existem participantes mais centrais, vistos como argumentos nucleares, e mais periféricos, chamados argumentos oblíquos. Os nucleares são aqueles indispensáveis e inseridos na moldura semântica (*frame*) do verbo; são essenciais à estrutura da oração, altamente gramaticalizados e correspondem a um participante implicado no evento ou estado expresso pelo verbo, ou seja, sua participação é necessária para que o evento ocorra. Enquanto isso, os argumentos oblíquos correspondem a elementos da oração que, embora relacionados ao verbo, não são indispensáveis, e sua ausência não compromete a gramaticalidade da frase. Eles geralmente introduzem informações adicionais e codificam participantes que integram o contexto, mas não estão envolvidos diretamente no evento.

Em relação a essa classificação, o objeto direto é interpretado como um argumento nuclear em um padrão oracional transitivo. Segundo Furtado da Cunha (2015, p. 5), ele "tende a constituir o foco do enunciado e a representar o papel semântico de paciente, ou objeto afetado/efetuado", previsto na configuração da

construção transitiva. No caso do argumento objeto indireto, a pesquisadora advoga que este pode ser tomado, de modo análogo, como um argumento nuclear, em virtude de suas propriedades semânticas e discursivo-pragmáticas serem sancionadas por uma construção ditransitiva; embora, esclareça ela, não haver consenso na linguística sobre a matéria.

Mesmo sendo argumentos nucleares, esses complementos podem ser elididos por causa de alguns fatores, sendo um deles o grau de informatividade. Segundo Chafe (1979), o *status* informacional do argumento interfere diretamente na sua ocorrência na oração; argumentos dados, também chamados de velhos, e disponíveis (identificáveis pelo contexto e conhecimento implícito dos falantes) tendem a ser suprimidos ou apagados do enunciado, uma vez que estão maximizados e ativos na mente do falante, de tal modo que, mesmo omitidos, esses argumentos conseguem ser identificados e/ou inferidos pelo interlocutor.

Com base na integração entre o sentido do verbo e uma dada construção de estrutura argumental, cada verbo teria a sua “valência” referente ao número de argumentos que aceita, exige ou recusa. No entanto, essa valência não é fixa, como pressupõe estudos tradicionais, mas maleável e dependente da frequência de uso. Sendo assim, a depender de fatores semânticos, pragmáticos e discursivos, itens verbais transitivos podem ser usados intransitivamente ou vice-versa, a partir de uma operação de ajuste de valência, isso porque “o conhecimento que adquirimos sobre os verbos – com que elementos ele se combina – pode não estar estocado em categorias nitidamente distintas” (Furtado da Cunha, 2006, p. 120).

O que se pode perceber é que a gramática da oração é dinâmica e impulsionada pelos contextos de uso. Assim, do mesmo modo que outros predicadores verbais, o verbo **entregar** pode ser licenciado para atender a demandas em diferentes situações de uso, as quais, por sua vez, serão codificadas em diferentes construções de estrutura argumental. Furtado da Cunha e Cezario (2023, p. 16) explicam que “conceber e codificar um evento em termos de outro representa uma espécie de atalho cognitivo

que, construído socialmente, é capaz de reduzir as demandas do processamento linguístico". Dada a fluidez da gramática da oração, esta é tomada em termos de gradiência.

3 Encaminhamento metodológico

O trabalho aqui apresentado é de natureza essencialmente qualitativa, com ênfase na busca pela interpretação dos fenômenos (Silva; Menezes, 2001). São caracterizadoras desse tipo de pesquisa as ações de descrever, compreender e explicar, conforme apontam Gerhardt e Silveira (2009). Embora haja uma tendência, no âmbito da Linguística Funcional Centrada no Uso, de equacionar métodos qualitativos e quantitativos (Rosário, 2022; 2023), neste momento do estudo, objetivamos uma compreensão global do objeto de análise. Assim as incursões quantitativas são iniciais e servem de suporte para a investigação qualitativa, que tem, neste artigo, primazia.

O *corpus* de análise é composto por 909 orações coletadas a partir de três bancos de dados: o *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe – CHP*, (Galves; Andrade; Farias, 2017)⁸ e os *corpora Discurso & Gramática*⁹ (D&G) para varredura de amostras diacrônicas (séculos XIV-XX); e a plataforma digital X¹⁰, para busca de amostras sincrônicas e recentes (século XXI). São 421 dados do CHP, 72 do D&G e 414 dados provenientes da Rede X.

A coleta foi realizada no segundo semestre de 2023, a partir dos dados mais recentes (Séc. XXI), a fim de obtermos uma amostragem inicial sobre o objeto de estudo, considerada a etapa-piloto (Rosário; Lopes, 2023). Ocorre que o flagrante de achados que pareciam extrapolar a expectativa inicial, conduziu-nos a empreender uma busca por dados diacrônicos, realizada em 2024. De acordo com Oliveira e Rosa

⁸ Disponível em: <https://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/index.html>.

⁹ Disponível em: <https://discursoegramaticablog.wordpress.com/corpus>.

¹⁰ Essa rede é conhecida também por seu nome pretérito, Twitter, a qual dispõe de ferramenta de busca avançada por meio de entrada lexical e período (por exemplo, ano). O *corpus* foi construído em 2023 no âmbito de um projeto de pesquisa.

(2023, p. 57), “a pesquisa diacrônica nos ajuda a explicar os padrões da estrutura linguística, permitindo compreender como surgem e se convencionalizam”. Para a seleção de ocorrências diacrônicas, foi utilizado o programa *AntConc*¹¹ (Lawrence, 2024), que disponibiliza ferramentas de processamento de grandes volumes de textos.

O conjunto de *corpora* examinado consiste em 775.260 palavras, tipificando-se como um *corpus* médio (Sardinha, 2000), composto por variados textos empíricos. Os achados aqui mobilizados advêm dos séculos XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX e XXI.

É importante salientar que o recorte feito para este trabalho é um desdobramento de uma investigação maior, compreendida no âmbito de um projeto de pesquisa¹² que descreve e analisa a estrutura argumental de verbos do português, de modo que a análise aqui empreendida não é exaustiva. A seguir, são apresentados e discutidos os resultados.

4 Orações com o verbo *entregar*: resultados e discussão

Nesta seção, ocupamo-nos da descrição e análise dos achados da pesquisa, considerando a revisão da literatura sobre o tema e a apresentação dos resultados a partir da coleta de dados.

Em termos de revisão de trabalhos sobre o verbo **entregar**, encontram-se questões relativas à etimologia e aos sentidos do verbo, embora não ocorra menção, nos dicionários consultados, ao uso investigado nesta pesquisa (Cf. Corrêa; Steinberg, 1961; Cunha; Mello Sobrinho, 1986; Nascentes; 1966; Borba, 2002; Houaiss; Villar, 2015). Quanto à caracterização em gramáticas tradicionais, o verbo **entregar**, quando citado, é listado como verbo abundante¹³ (Cuesta, 1971) ou arrolado na lista de verbos ditransitivos (Rocha Lima, 2011; Bechara, 2019).

¹¹ Disponível gratuitamente no seguinte site: <https://www.laurenceanthony.net/software/antconc>.

¹² Agradecemos à Fundação Norte-Rio-Grandense de Pesquisa e Cultura (Funpec) pelo financiamento do projeto de pesquisa desenvolvido no âmbito da UFRN.

¹³ Verbos abundantes são aqueles que apresentam mais do que uma forma aceita pela norma culta no particípio, uma forma regular e uma irregular.

Cumpre salientar que observamos a classificação semântica do verbo **entregar** no banco de dados *VerboWeb*¹⁴ (Cançado; Amaral; Meirelles, 2017). Nesse material, o verbo é considerado como de causação do tipo transferência, com conteúdo básico “x age causando a transferência, por meio de um evento específico, de y para z”. Em relação à estrutura sintática, é um verbo ditransitivo, sendo possível em configurações do tipo [SN V SN (SP)]¹⁵.

No tocante às pesquisas linguísticas sobre o verbo **entregar**, destacam-se o trabalho de Colombi (2012), focado na transitividade de **emprestar**, **entregar** e **passar** em três gêneros textuais/discursivos. Segundo a pesquisa, o verbo **entregar** denota uma ação de transferência, é trivalente, com a expressão de três argumentos: o sujeito que realiza a ação, o objeto direto que é o item transferido, e o objeto indireto que é o destinatário da ação. Ainda que pioneiro quanto à análise desse verbo, o estudo está centrado em sua configuração valencial com três argumentos.

De um modo geral, podemos dizer que o verbo **entregar** é definido semanticamente como um verbo de ação-processo (Borba, 2002, p. VIII), pois, em seu sentido mais prototípico/central, “expressa uma mudança de estado ou de condição levada a efeito por um sujeito agente, causativo [...], atingindo um complemento que é, então, um afetado ou efetuado” rumo a um outro participante recipiente/beneficiário. Quanto à estrutura argumental, sua feição prototípica corresponde à valência triargumental, cujo enquadre sintático envolve um elemento sujeito, um objeto direto e um objeto indireto (S V OD OI), com os respectivos papéis semânticos de agente, paciente e recipiente/beneficiário, em que o sentido mais proeminente se estabelece como “passar às mãos ou à posse de” (Houaiss; Vilar, 2015, p. 388).

¹⁴ Trata-se de banco de dados lexicais “VerboWeb - classificação sintático-semântica dos verbos do português brasileiro” que apresenta uma ampla análise de um número abrangente de verbos, agrupados de acordo com propriedades semânticas e sintáticas comuns.

¹⁵ Síntagma Nominal (SN), Verbo (V) e Síntagma Preposicionado (SP).

Apresentamos a tabela 1, a seguir, na qual constam os resultados quantitativos que servem de suporte e de reflexão para a análise qualitativa empreendida.

Tabela 1 – Quantitativo de *tokens* do verbo *entregar* nos *corpora* por século.

Configuração da oração	Séc. XIV		Séc. XV		Séc. XVI		Séc. XVII		Séc. XVIII		Séc. XIX		Séc. XX		Séc. XXI		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<i>Ditransitiva</i>	14	100	18	94,7	74	90,2	71	71	84	80,8	84	82,4	50	69,4	130	31,3	525	57,8
<i>Transitiva</i>	-	-	1	5,3	3	3,7	18	18	15	14,4	13	12,7	17	23,6	140	33,7	207	22,8
<i>Mov. causado</i>	-	-	-	-	5	6,1	11	11	3	3,7	11	11	5	7,1	66	15,9	101	11,4
<i>Intransitiva</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	80	19,2	80	8,8
Total	14	100	19	100	82	100	100	100	104	100	102	100	72	100,0	416	100,0	909	100

Fonte: elaboração própria.

A tabela apresenta os números inteiros (Nº) juntamente com o percentual (%), referentes aos *tokens* do verbo **entregar** por século. Os dados foram organizados conforme a configuração sintático-semântica da oração, sendo estas: **ditransitiva**, **transitiva**, **intransitiva** e **movimento causado**¹⁶, conforme flagrante nos *corpora*.

Sob uma lupa diacrônica, verificamos que, nos 493 dados consultados, inicialmente, no século XIV, houve poucas ocorrências de orações com o verbo **entregar**, como em (3), talvez em razão do volume menor de documentação da época. A partir do século XV, com maior documentação disponível, registramos o uso de orações, como em (4-6):

- (3) [sobre a cidade] & ouueffe o quinto, o que a tomasse, & filhauamna a algūs que a leuauão escondidamente, & *entregauaõona* ao Mestre [CHP, 1380, Séc. XIV].
- (4) Rainha Dona Isabel, por cujo virtuoso meyo ho Ifante D. Affonso *entregouu* has Villas e Castellos ha Ayres Cabral [CHP, 1440, Séc. XV].

¹⁶ Para maior detalhamento sobre essas configurações, sugerimos as leituras de Goldberg (2006), Furtado da Cunha (2017) e Lucena (2021).

- (5) Meu Senhores com achegada da Frota receby as Cartas de Vossas merces com aveneraçam devida elogo *entreguei* as que tinhas para El Rei" (CHP, 1699-1710, Séc. XVII ~ XVIII).
- (6) Quando meu Pai faleceu, existia em Inglaterra, degradada por motivos políticos, minha Avó materna, a Condessa d'Oyenhausen, depois Marquesa d'Alorna, e meu Pai *entregou* a tutela de seus filhos a seu tio, o Marquês de Bellas, Dom José de Castello Branco, Regedor de as Justiças. (CHP, 1802, Séc. XIX).

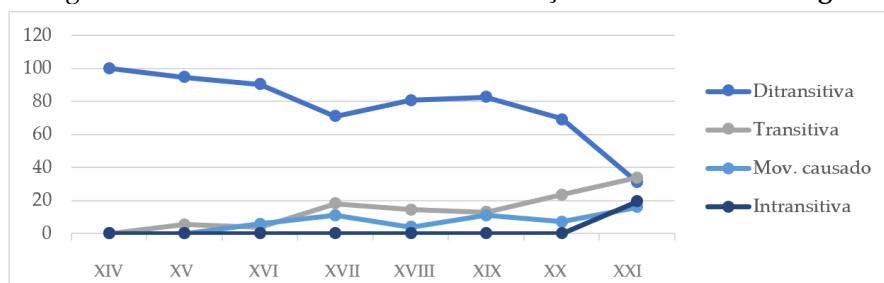
Nas quatro amostras, as orações com o verbo *entregar* são usadas em contexto de comunicação oficial, refletindo a formalização crescente das práticas administrativas. É notável um evento de transferência concreta de algo (*a cidade / has Villas e Castellos /as cartas/a tutela de seus filhos* = objeto direto) com o sentido de mudança de posse de uma entidade (*algūs /Rainha dona Isabel /interlocutor [eu]/meu pai* = sujeito) para uma entidade recipiente (*Mestre/ ha Ayres Cabral/para El Rei/a seu tio* = objeto indireto). Em (3) e (5), as ocorrências são compostas por objeto direto anafórico, recuperável textualmente; já em (4) e (6) a posição de objeto direto está lexicalmente preenchida. Os dados de configuração análoga, em geral, referem-se à transferência formal de bens/atos administrativos, evidenciando a necessidade de registros precisos em documentos oficiais.

A partir século XVII, foi observado um aumento expressivo no uso de orações com o verbo **entregar**, especialmente em documentos formais e correspondências. Esse aumento pode estar relacionado à formalização dos registros notariais de bens e de terras comuns à época, que envolviam a necessidade de uma documentação fidedigna. Dentre as 421 amostras coletadas entre os séculos XIV e XIX, a maioria trata de registros de transferência concreta, com raras exceções para uso do verbo com o sentido de render-se, como em:

(7) [...] cada um de nós se *entregue* à terra com solenidade, e fausto, outra infeliz porção de terra: tributo inexorável! (CHP, 1705, Séc. XVIII).

Para Borba (2002), o uso do verbo **entregar** como em (7) o caracteriza semanticamente como um verbo de ação com uso do pronome reflexivo **se**, expressando “uma atividade associada a um sujeito agente, ou seja, aquele que, por si mesmo, desencadeia uma atividade, física ou não, sendo origem dela e seu destino” (Borba, 2002, p. VIII). O sujeito (**cada um de nós**) é o ponto de partida e de chegada da ação denotada pelo verbo; o sintagma preposicionado (**à terra**), no contexto em tela, funciona como adjunto adverbial, isto é, como argumento oblíquo na oração. Esse registro já sinaliza que as orações com o verbo **entregar** não se apresentam com uma única configuração sintático-semântica, o que é reforçado pela literatura linguística moderna, bem como corroborado pelos resultados quantitativos deste trabalho. A seguir, é possível observar um gráfico (figura 2) de tendência dos perfis sintático-semânticos das orações examinadas:

Figura 2 – Perfil sintático-semântico de orações com o verbo **entregar**.



Fonte: elaboração própria.

O gráfico sinaliza que há um aumento gradativo de configurações sintático-semânticas **transitiva**, **movimento causado** e **intransitiva** no decorrer dos séculos, enquanto ocorre uma diminuição da configuração **ditransitiva**. Além disso, cabe destacar que o uso intransitivo foi registrado, até o momento, apenas no século XXI.

A partir das interpretações sobre os dados diacrônicos, traçamos um salto metodológico para averiguar dados mais recentes, do século XXI, a fim de examinar

qualitativamente alguns usos de orações com o verbo **entregar**. Vejamos duas amostras coletadas:

- (8) Eu tô atirada no sofá com uma bolsa de água quente e morrendo de cólica e a Vitória me **entregou** o desenho e disse “Pra te deixar mais feliz e sem dor na barriga” (Rede X, 2017, Séc. XXI).
- (9) Andrey Lopes vai **entregar** o time redondinho pro português (Rede X, 2020, Séc. XXI).

As ocorrências (8) e (9) são caracterizadas sintaticamente pela estrutura triargumental das orações: há sujeito explícito (**Vitória/Andrey Lopes**), objeto direto (o desenho/ o time redondinho) e objeto indireto (**me/ pro português**). Em relação ao sentido, codificam, respectivamente, um evento de transferência concreta de um desenho para um beneficiário e a passagem do comando de um time à supervisão de um novo treinador. Em todos os casos, recupera-se, nas amostras, a ideia de transferência de um objeto paciente para um recipiente a partir da ação de um sujeito agente.

As características sintáticas, semânticas e pragmáticas mais proeminentes de orações com o verbo **entregar** convergem para a construção ditransitiva¹⁷, qualificada por apontar um típico evento de transferência, cujo sentido central pode ser esquematizado como [X causar Y receber Z]. Essa representação contempla tanto a natureza semântica dos papéis de agente, paciente e recipiente, atribuídos respectivamente às relações gramaticais de sujeito, objeto direto e objeto indireto, quanto à natureza sintática triargumental, que sanciona três posições argumentais.

¹⁷ Embora não estejamos, neste artigo, descrevendo as orações na perspectiva construcionista, é oportuno salientar que há possibilidades de análise que podem se beneficiar desse modelo de abordagem, conforme aponta Furtado da Cunha e Bispo (2024). Nessa acepção, uma construção é um par de forma e significado/função que tem significação própria.

Nessa linha, o(s) sentido(s) do verbo se funde(m) com a construção (Furtado da Cunha; Bispo, 2024). Consideremos os casos a seguir:

(10) Não é verdade que o TSE **entregou** códigos de segurança das urnas a venezuelanos (Rede X, 2018).

(11) MEIA MEA CULPA: Volkswagen admite ter laços com a ditadura militar brasileira, que **entregou** empregados, mas é... (Rede X, 2017).

A ocorrência (10) aponta para uma possível transferência, negando a afirmação de que um órgão governamental tenha dado informações a um grupo, e ilustra o padrão sintático prototípico com expressão do sujeito agente (TSE), objeto direto paciente (**códigos de segurança das urnas**) e objeto indireto recipiente (**venezuelanos**). Em (11), a moldura sintático-semântica da oração abrange um sentido próximo de delatar, com sujeito anafórico (**Volkswagen**) e objeto direto paciente (**empregados**); contudo, ocorre a elisão do objeto indireto recipiente, que fica sob responsabilidade do co-enunciador inferir (Ditadura? Autoridades militares? Governo Militar?).

Observemos um caso particular ilustrado a seguir, o qual apresenta indícios de ampliação de sentido, evocando polissemia:

(12) Se ela for, ela vai **entregar** demais, tô até mais tranquila, não vejo tainha sendo falsa lá não (Rede X, 2021).

Em (12), a oração contempla o sujeito (*ela*) e o verbo **entregar** seguido de um intensificador (**demais**), de modo que, diferentemente dos casos anteriores (10-11), não há expressão de objeto direto e de objeto indireto, cuja possibilidade de recuperação é nula. Ao que parece, a oração com **entregar** evoca um sentido relacionado a **fazer/efetuar**, mais precisamente, desempenhar positivamente uma performance, de modo que a interpretação “do que é entregue” e “para quem é entregue” é totalmente

aberta. O fato é que o foco está na própria ação, conforme ocorre na construção intransitiva (X agir). Esses dados apontam para a versatilidade e multiplicidade de configurações sintáticas, semânticas e pragmáticas mobilizadas pelas orações com o verbo **entregar** no uso.

Considerando dados coletados de 2017 a 2023, ao que parece, há um aumento gradativo da elisão dos complementos em orações com o verbo **entregar**, principalmente do objeto direto. Furtado da Cunha (2015, p. 2) estabelece sobre a manifestação dessa relação gramatical uma escala de objetividade, a saber: **Objeto Direto explícito > Zero anafórico > Zero inferido > Objeto Direto oracional > Complexo Verbo + Objeto**. Essa escala leva em conta os traços mais ou menos prototípicos da categoria, de modo que, na extremidade esquerda, estaria o representante mais saliente da categoria, ao passo que, na extremidade direita, o membro com menos atributos dentre os demais. Além disso, a escala refletiria de um lado, o representante menos marcado à esquerda, enquanto à direita o mais marcado.

De acordo com a autora, o objeto direto explícito é o mais típico e produtivo (13), seguido pelo zero anafórico, um objeto elíptico recuperável do contexto linguístico ou extralingüístico (14). Já o zero inferido, por outro lado, não é expresso nem textual nem contextualmente, sendo indefinido e abstrato (15). O objeto direto oracional diz respeito a uma oração que desempenha o papel de complemento (16). O último elemento da escala é o Complexo Verbo + Objeto, um tipo de forma em que o complemento e a ação/evento expresso pelo verbo formam uma espécie de unidade, de modo que não há uma separação semântica determinável entre o evento/ação apontado pelo verbo e o objeto direto (17). São exemplares as ocorrências:

(13) Parar de **entregar** seu poder a qualquer coisa, pessoa, relação (Rede X, 2022, Séc. XXI).

(14) Pode trazer 4 Oscars e **entregar** para a Giovanna, Valentina, Mateus e Vladimir #quantomaisvidamelhor (Rede X, 2022, Séc. XXI).

- (15) Flamengo tinha que **entregar** logo, só vai passar vergonha se for para jogo (Rede X, 2018, Séc. XXI).
- (16) Logo logo esse porteiro vai ser encontrado morto para não **entregar** quem mandou dar falso testemunho (Rede X, 2018, Séc. XXI).
- (17) Dorival Jr podia voltar para o Santos, né? **Entregamos** de graça (Rede X, 2017, Séc. XXI).

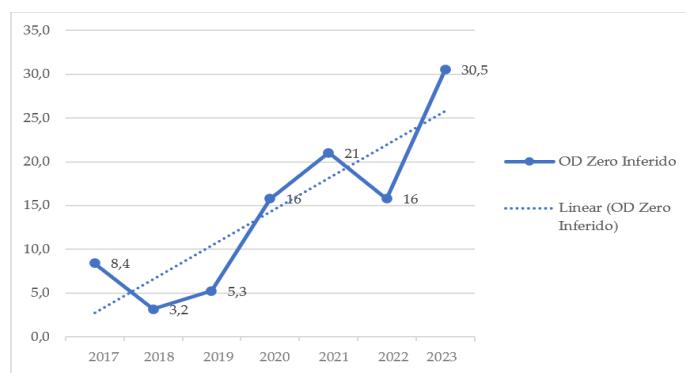
As ocorrências ilustram: em (13) a presença do complemento direto expresso lexicalmente (**seu poder**); em (14) e (15) há elisão do objeto direto, entretanto, na primeira, há possibilidade de rastreio anafórico, via texto, pois o referente já foi anteriormente citado (**4 Oscars**); em contrapartida, na segunda, a entrega não aponta para um elemento específico, de maneira que o sentido para a interpretação da oração não está atrelado à identificação de um referente específico, vinculando a ideia de desistência do jogo e de outorga da vitória em favor de outro beneficiário. Sendo assim, o que ocorre nas orações (14) e (15) é, respectivamente, a anáfora – por questões de baixo status informacional (Chafe, 1979), uma vez que a informação do referente já foi expressa e pode ser deduzida/interpretada pelo co-enunciador de algum modo – assim, há ajuste de valência do verbo que é recrutado nesse tipo de configuração argumental.

Nos casos (16) e (17), vemos, respectivamente, exemplares de um objeto direto oracional (**quem mandou dar falso testemunho** = oração relativa) e de um complexo Verbo + Objeto (**entregar de graça**). A expressão “entregar de graça” é tida como um idiomatismo, cujo sentido é não composicional, mas convencionalizado e cultural, denotando a ideia de perder de forma fácil, ser vencido sem dificuldade pelo oponente.

Em termos de resultados parciais, nos dados coletados, registramos aumento da frequência do objeto direto zero inferido no século XXI. Recolhemos 60 dados de cada ano e notamos que, em 2017, foram flagradas apenas 8 ocorrências desse tipo de objeto direto; em 2018, houve uma baixa com apenas 3 ocorrências; em 2019, apenas 5

dados apresentam esse perfil; a partir de 2020, o número de dados começa a crescer com 15 ocorrências, seguido de 20 amostras em 2021; já no ano de 2022, foram achados 15 registros dentre as ocorrências coletadas; por fim, em 2023, há a ocorrência de 29 dados com zero inferido. Ao todo, são 95 ocorrências desse tipo de objeto direto registradas no banco de dados. Esses resultados estão summarizados em termos de percentuais com a representação visual gráfica, por meio da figura 3, a seguir:

Figura 3 – Representação de OD zero inferido em orações com o verbo *entregar*.



Fonte: elaboração própria.

Como se pode observar, de um modo geral, há uma tendência crescente desse tipo de objeto direto, sinalizada, no gráfico, com a linha pontilhada. Esses achados iniciais sugerem, ainda, que a frequência de objeto direto zero inferido mais que dobrou, parecendo ultrapassar a frequência do zero anafórico, o que, inicialmente, contraria a tendência prevista na escala de objetividade, proposta por Furtado da Cunha (2015). Esse resultado aponta para a necessidade de confrontar os dados estatisticamente, com ênfase na análise quantitativa para averiguar com maior nitidez uma possível tendência de uso.

Sugerimos, com base no resultado qualitativo, que esse fenômeno está relacionado à manifestação de orações com o verbo **entregar**, com ajuste da valência sintático-semântica, podendo ou não ser acompanhado de um intensificador, como em:

- (18) A Lauren **entregou** tanto nessa eleição, nem eu esperava tanto viral dela assim. (Rede X, 2021, Sec. XXI).

Na oração (18), o verbo aparece sem a expressão do objeto direto, seguido de um intensificador (**tanto**). Não há um referente passível de recuperação que possa preencher pragmaticamente a informação sobre o complemento verbal. Essa configuração permite que o foco recaia de modo mais saliente na ação verbal. Há, inclusive, o elemento de intensificação ascendente dessa ação, reforçando-a. Compreendemos que a noção de entrega pode ser tomada como uma projeção metafórica¹⁸, que simbolicamente aponta para a dedicação e concretização de uma boa campanha por parte do agente (**Lauren**). A oração com o verbo **entregar**, nesse contexto, vincula um sentido relativo à efetuação de algo positivo por parte de um agente, em que “a coisa entregue” não é material, mas a própria energia do indivíduo, esta última transformada em uma performance simbólica/abstrata para seu público. Outro exemplo desse tipo de uso pode ser visto em:

- (19) Em nome do pai do filho do Espírito Santo, Deus protegerá todos os shows de SP. Vamos **entregar** muito (Rede X, 2023).

Nessa ocorrência, o sentido de efetuação é vinculado, de modo que a noção de entrega se liga a um sentido abstrato de fazer/produzir algo com qualidade (efetuar), funcionando para expressar a noção de qualidade da performance. Aqui, embora não seja esclarecido o que será entregue, o uso do intensificador **muito** evoca a metáfora cognitiva MUITO = BOM / POUCO = RUIM. Desse modo, a oração **entregar muito** parece configurar um par forma/função em que o sentido remete a algo bom ou de

¹⁸ Para o funcionalismo linguístico, processos cognitivos de domínio geral, como projeções metafóricas e metonímicas, são subjacentes à expressão linguística, motivando extensões de sentido, polissemia e outros fenômenos (Bybee, 2016).

qualidade que será efetuado pelo agente, sendo focalizado não o que será produzido (produto = objeto efetuado), mas o resultado positivo ligado à própria ação do indivíduo, isto é, ao evento codificado pela oração.

Essas ocorrências (18-19) estão conectadas à codificação de eventos menos transitivos, de modo que o sentido de evento ditransitivo prototípico fornece alicerce e é estendido para abarcar usos que extrapolam a configuração prototípica. Bybee (2016) esclarece que

inferências repetidas feitas em contexto tornam-se parte do significado de uma palavra ou construção e induzem seu uso em novos contextos [...]. Desse modo, uma representação enriquecida do significado que inclui as inferências que foram feitas durante o uso é necessária para explicar as mudanças de significado comuns que ocorrem em contexto (Bybee, 2016, p. 95).

Nessa linha, o sentido central, primeiramente dependente de um contexto, fixa um novo sentido a partir da recorrência de uso, passando a não mais depender desse contexto para ser interpretado pelo falante.

Um fato é que orações, como as descritas em (18) e (19), sem expressão de complemento direto e com a presença de elemento intensificador, só foram mapeadas a partir do ano de 2019, com 1 ocorrência. A partir de 2020, há registro de 61 ocorrências com essa configuração. Considerando que o *locus* de busca de dados no século XXI (Rede X) é dinâmico e permite, em muitas interações, uso menos monitorado, é plausível pensar que em situações com menor grau de formalidade, esse tipo de configuração seja mais frequente do que em usos mais formais, como registros notariais. É possível verificar, diante disso, o recrutamento – provavelmente recente – do verbo **entregar** em padrão oracional intransitivo.

As interpretações feitas até aqui, com base nos resultados a partir do exame de dados, evidenciam manifestações discursivas diversas de orações com o verbo **entregar**. As ocorrências de séculos pretéritos, como XVII e XVIII, assinalam preferência pelo uso típico em sua configuração ditransitiva, com transferência

concreta e sentido convergente à ideia de passar às mãos. Esse uso tem continuidade ao longo do tempo, e o verbo é recrutado para outras configurações sintático-semânticas, culminando em casos como os observados no século XXI, com a elisão de seus complementos, recuperáveis cotextual e contextualmente, bem como casos nos quais há uma aproximação do padrão intransitivo.

Esse resultado abarca a compreensão de que a mesma forma pode se ligar a diferentes sentidos (polissemia), conforme preconizado na literatura funcionalista. Rosário e Lopes (2023, p. 43) afirmam que “há uma forte relação entre pragmática, rotinização dos usos e reconfiguração semântica e funcional”. Se estamos diante da emergência de um novo uso, o fato é que a pesquisa, em sua continuidade, não pode prescindir: (i) de ampla análise de dados do século XXI, inclusive em outros *corpora*, a qual pode cooperar na compreensão do fenômeno em tela; e (ii) da tabulação e análise quantitativa que serve de suporte para explicar a empiria do estudo.

5 Considerações finais

Neste artigo, buscamos investigar orações com o verbo **entregar** em português brasileiro, com o intuito de descrever seu uso em língua portuguesa, qualitativamente e de modo não exaustivo. Perseguimos a seguinte questão: como se manifesta sintática, semântica e pragmaticamente¹⁹ o verbo **entregar** em termos de construções de estrutura argumental²⁰ ao longo do tempo em português? Para respondê-la, levantamos uma investigação pancrônica, com dados contemporâneos e dados pretéritos para fins comparativos.

A análise diacrônica revelou que, ao longo dos séculos XIV ao XIX, dentre os dados coletados, se atestam mais frequentemente usos de orações com verbo **entregar**

¹⁹ O quadro teórico funcionalista norteador deste trabalho considera a interconexão entre os domínios linguísticos (morfologia, sintaxe, semântica e pragmática), compreendendo-os como interrelacionados e interdependentes, sem fronteiras nítidas entre eles. Desse modo, neste artigo, ao usarmos termos como sintático-semântico e/ou semântico-pragmático, estamos reforçando essa ideia.

²⁰ Construções de estrutura argumental dizem respeito a tipos oracionais básicos, como as construções transitiva, ditransitiva, intransitiva, de movimento causado, dentre outras (Goldberg, 2006).

de modo estável em configuração ditransitiva, convergente ao sentido prototípico/central desse tipo de estrutura argumental. Usos desse tipo manifestam a ideia de transferência mais concreta, talvez motivadas pela própria situação comunicativa: registros advindos de contextos mais formais, do âmbito notarial e administrativo, como documentos oficiais e correspondências. Há poucos registros de orações com objeto direto anafórico, recuperável do contexto; a tendência é a expressão do objeto direto por meio de sintagma nominal lexicalmente expresso, configurando informação nova nos enunciados.

Por outro lado, a análise da sincronia contemporânea retrata multiplicidade de usos, desde os mais próximos da configuração ditransitiva prototípica, sinalizando a estabilidade dessa configuração, bem como usos mais inovadores, com o sentido do verbo atrelado à ideia de efetuação abstrata/simbólica e a elisão de complementos na posição de objeto direto e objeto indireto.

A literatura funcionalista prevê que uma forma pode ser pareada com diversas funções e, além disso, que verbos podem ser recrutados para diferentes configurações de estrutura argumental. É o que parece estar acontecendo com o verbo **entregar**, estabelecendo caminho na contramão do registrado nas gramáticas tradicionais, que postulam apenas uma feição ditransitiva para seu uso. A nosso ver, essa rota parece ser comum a outros verbos de transferência – a exemplo do verbo de **servir** (**ela serviu tanto nesse ensaio**) em contextos de interação digital – refletindo, para além da dinamicidade da língua, o convite à investigação linguística sobre a interação entre verbos e argumentos, a fim de se compreender as forças – pragmáticas, semânticas, morfossintáticas e cognitivas – subjacentes a esses usos e examinar se estamos diante da emergência de um novo nó na rede construcional do português. Quanto ao verbo **entregar**, a empiria dos dados parece desvelar forte tendência a isso, o que impulsiona a continuidade deste estudo. Rememorando a epígrafe que enceta este texto, talvez o verbo **entregar** já “pegou delírio”.

Referências

- ALONSO, K. S.; CEZARIO, M. M. Tratamento da mudança linguística na abordagem da LFCU. In: OLIVEIRA, M. R.; LOPES, M. G. (org.). **Funcionalismo linguístico: interfaces**. São Paulo: Pontes Editores, 2023. p. 115-138.
- BARROS, M. **O livro das Ignorâncias**. São Paulo: Record, 1997 (e-book).
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BORBA, F. S. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.
- BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- CANÇADO, M.; AMARAL, L.; MEIRELLES, L. **VerboWeb**: classificação sintático-semântica dos verbos do português brasileiro. Banco de dados lexicais. UFMG. 2017. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/verboweb>
- CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). **Linguística centrada no uso – uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Faperj, 2013.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; CEZÁRIO, M. M. Conhecimento, criatividade e produtividade sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso. **Alfa**, São Paulo, v. 67, p. 1-27, 2023. DOI <https://doi.org/10.1590/1981-5794-e15041t>
- CHAFE, W. L. **Significado e estrutura linguística**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.
- COLOMBI, S. A transitividade em discussão: análise dos verbos “emprestar”; “entregar” e “passar”. In: XVI Congresso Nacional de Linguística e Filologia. **Anais do XVI CNLF**. Rio de Janeiro: Cadernos do CNLF, 2012. v. XVI, Fronteira, 2019, n. 4, t. 1. p. 150-157.
- CORRÊA, R. A.; STEINBERG, S. H. **Dicionário escolar francês-português Português-francês**. 2. ed. Rio de Janeiro: MEC, 1961.
- CUESTA, P. V. **Gramática de língua portuguesa**. Lisboa: Edições 70, 1971.
- CUNHA, A. G.; MELLO SOBRINHO, C. **Dicionário etimológico Nova Fronteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

CUNHA, C. **A gramática do português contemporâneo:** de acordo com a nomenclatura grammatical brasileira. 7. ed., rev. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1978.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DU BOIS, J. W. Argument structure: Grammar in use. In: DU BOIS, J. W.; KUMPF, L. E.; ASHBY, W. J. (org.) **Preferred argument structure:** grammar as architecture for function. Filadélfia: John Benjamins, 2003, p. 11-60. DOI <https://doi.org/10.1075/sidag.14>

FURTADO DA CUNHA, M. A. A gramática da oração: argumentos nucleares vs. argumentos oblíquos. In: VI Congresso Internacional da Abralin, 2009, João Pessoa. **Anais do VI Congresso Internacional da Abralin.** João Pessoa: Ideia, 2009. v. 1. p. 2082-2088. Disponível em: <https://www.abralin.org/site/publicacoes>.

FURTADO DA CUNHA, M. A. BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). **Linguística centrada no uso – uma homenagem a Mário Martelotta.** Rio de Janeiro: Mauad: Faperj, 2013. p. 13-39. DOI <https://doi.org/10.22409/gragoata.v19i36.32985>

FURTADO DA CUNHA, M. A. O complemento dos verbos de enunciação. **Revista Lingüística**, v. 2, n. 1, p. 69-84, 2006.

FURTADO DA CUNHA, M. A. O objeto zero de verbos transitivos. **Revista Lingüística.** v. 4 n. 1, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4411>

FURTADO DA CUNHA, M. A. As construções de movimento causado e ditransitiva: elos de polissemia. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S. l.], v. 33, n. 1, 2017. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-445035497694443078>

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Construções de estrutura argumental: teoria e prática. In: CEZARIO, M. M. C.; MARQUES, P. M.; CASTANHEIRA, D. (org.). **Pesquisa funcionalistas e aplicações ao ensino superior.** São Paulo: Pimenta Cultural, 2024, p. 20-47. DOI <https://doi.org/10.31560/pimentacultural/2024.99635.1>

FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. **Linguística Funcional:** teoria e prática (org.). Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M. **Transitividade e seus contextos de uso.** São Paulo: Cortez, 2011.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SILVA, J. M. Transitividade: do verbo à construção. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v.14, n.1. p. 48-64, 2018. DOI <https://doi.org/10.31513/linguistica.2018.v14n1a15344>

GALVES, C.; ANDRADE, A. L.; FARIA, P. **Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese.** 2017. Disponível em: <https://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/> Acesso em: 25 nov. 2023.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: EDUFRGS, 2009.

GOLDBERG, A. **Constructions at work: the Nature of Generalization in Language.** New York: Oxford University Press, 2006. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199268511.001.0001>

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. **Language**, v. 56, p. 251-299, 1980. DOI <https://doi.org/10.1353/lan.1980.0017>

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Elaborado no Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Portuguesa. São Paulo: Moderna, 2015.

LAWRENCE, A. **AntConc** (Version 4.3.1) [Computer Software]. Tokyo, Japan: Waseda University, 2024. Disponível em: <https://www.laurenceanthony.net/software/AntConc>

LOPES, M. G.; ROSÁRIO, I. C. Metodologia da pesquisa sincrônica. In: ROSÁRIO, I. C. (org.). **Metodologia da pesquisa funcionalista.** Porto Velho: Edufro, 2023. p. 37-56.

LUCENA, N. L. Polissemia na Gramática de Construções: uma análise a partir da construção transitiva. **Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura**, [s. l.], v. 23, n. 2, p. 1-12, 2021. DOI <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETLL2113259>

MARTELOTTA, M. E. **Mudança linguística:** uma abordagem centrada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

NASCENTES, A. **Dicionário etimológico resumido.** São Paulo: Instituto Nacional do Livro, 1966.

OLIVEIRA, M. R.; ROSA, F. S. L. Metodologia de pesquisa diacrônica. In: ROSÁRIO, I. (org.). **Metodologia da pesquisa funcionalista**. Porto Velho: Edufro, 2023. p. 57-76.

OLIVEIRA, M. R. Gramaticalização e construcionalização na pesquisa funcionalista. In: OLIVEIRA, M. R.; LOPES, M. G. (org.). **Funcionalismo linguístico: interfaces**. São Paulo: Pontes Editores, 2023. p. 51-80.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

ROSÁRIO, I. (org.). **Metodologia da pesquisa funcionalista**. Porto Velho: Edufro, 2023.

ROSÁRIO, I. C. (org.). **Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação**. Rio de Janeiro: EDUFF, 2022.

ROSARIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa**. São Paulo, n. 60, v. 2, p. 233-259, 2016. DOI <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1608-1>

SARDINHA, T. B. Linguística de corpus: histórico e problemática. **DELTA**, São Paulo, v. 16, n. 2, 2000. p. 323-367. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-4450200000200005>

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. rev. atual. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

TOMASSELO, M. (ed.). **The new psychology of language** cognitive and functional approaches to language structures. v. 1. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013. DOI <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199679898.001.0001>

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.